



**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
CURSO DE MEDICINA**

**AMANDA FARANSIS FRANCIS  
CAROLINA VIECILI DIOGO SANT'ANA  
LUANA DE OLIVEIRA LIMA**

**HIGIENIZAÇÃO ADEQUADA DAS MÃOS PELOS PROFISSIONAIS  
DE SAÚDE COMO PILAR FUNDAMENTAL NA PREVENÇÃO DAS  
INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA A SAÚDE**

**VOLTA REDONDA**

**2023**



**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  
CURSO DE MEDICINA**

**HIGIENIZAÇÃO ADEQUADA DAS MÃOS PELOS PROFISSIONAIS  
DE SAÚDE COMO PILAR FUNDAMENTAL NA PREVENÇÃO DAS  
INFECÇÕES RELACIONADAS À ASSISTÊNCIA A SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Módulo, apresentado ao Programa do Curso de Medicina, do Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, como requisito parcial para aprovação no módulo VIII.

**Alunas:**

Amanda Faransis Francis

Carolina Viecili Diogo Sant'Ana

Luana De Oliveira Lima

**Orientadora:**

Maria Cristina Carvalho do Espírito Santo

**VOLTA REDONDA**

**2023**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>3</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>5</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>8</b>
<b>4 RESULTADOS PARCIAIS.....</b>	<b>9</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>11</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Infecção Relacionada à Assistência à Saúde (IRAS) tem como critério de definição qualquer infecção adquirida após a admissão do paciente no hospital, desencadeada durante ou após a internação. A higiene adequada das mãos é uma prática fundamental nesse contexto, e a forma mais eficaz de prevenir e reduzir a incidência de IRAS, visto que as mãos constituem reservatórios para diferentes tipos de micro-organismos, facilitando transmissões cruzadas de tais. Isso também explica o motivo pelo qual a prática incorreta de higienização das mãos é comprovadamente uma das principais causas do aumento dessas infecções. (WHO, 2009)

O ato de não higienizar corretamente as mãos aumenta a propagação das IRAS, e estas contribuem para o aumento da morbimortalidade, resistência antimicrobiana e gastos excessivos no sistema de saúde. No entanto, apesar da importância da higiene das mãos, muitos profissionais da saúde a executam de forma inadequada ou, às vezes, não a realizam, o que, além de favorecer a mencionada transmissão cruzada, também favorece a piora do quadro de pacientes em estado geral grave, o aumento do tempo de internação, e pode ser fator de agravamento para letalidade. Todo esse quadro evidencia a necessidade de discutir o assunto e propor medidas de intervenção. (WHO, 2009)

Essa revisão integrativa tem o intuito de aprofundar o conhecimento sobre higienização das mãos pelos profissionais da saúde para evitar as IRAS, abordando os erros mais recorrentes dessa prática e os fatores desencadeantes de faltas ou do exercício inadequado do processo, além de trazer informações a respeito da técnica de assepsia preconizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e seu impacto no desfecho terapêutico. Concomitantemente, visa-se: orientar quanto às medidas preconizadas durante a lavagem para prevenir o contágio e garantir bons resultados no tratamento dos pacientes; informar a respeito da não adesão à higienização das mãos pelos profissionais da saúde correlacionando essa falta com o aumento das IRAS e investigar os fatores desencadeadores da baixa adesão a essa prática, uma vez que ela é imprescindível no contexto hospitalar.

**RESUMO: Objetivo:** Informar sobre a importância de fazer a higiene correta das mãos para controlar e prevenir as Infecções Relacionadas à assistência à saúde.

**Métodos:** Mediante revisão integrativa, foram consultadas as bases PubMed/MEDLINE, Scielo, World Health Organization (WHO) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), em que foram incluídos artigos escritos em português e inglês, publicados entre 2016 e 2023, à exceção de um artigo de 2011, que foi incluído por sua relevância argumentativa. Os descritores usados foram: higiene das mãos e infecção hospitalar. Excluíram-se os relatos de caso e os artigos duplicados. Valorizou-se os artigos com significância estatística e teórica. **Resultados:** Entre as buscas realizadas, com os filtros aplicados, foram encontrados 304 resultados. Desses, foram selecionados 16 referências para embasamento teórico da revisão. **Conclusão:** Apesar da sabida importância da higienização das mãos nos ambientes de assistência à saúde, muitos profissionais não fazem alegando ressecamento das mãos e falta de tempo.

**Palavras-chave:** Higiene das mãos. Infecção hospitalar. Controle de infecções

**ABSTRACT: Objective:** Inform about the importance of making proper hand hygiene to control and prevent infections related to healthcare. **Methods:** Through an integrative review, databases PubMed/MEDLINE, Scielo, World Health Organization (WHO) and Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) were consulted, and articles written in portuguese and english published between 2016 and 2023 were included. There was one exception, an article from 2011 was included due to its pertinence argumentative. The descriptors used were: hand hygiene and cross infection. Case reports and duplicate articles were excluded. Articles with statistical and theoretical significance were valued. **Results:** 304 results were found. Of these, 16 articles were selected for the theoretical basis of the review. **Conclusion:** Despite the known importance of hand hygiene in healthcare, many professionals still don't do it, claiming dry hands and lack of time.

**Key words:** Hand hygiene. Cross infection. Infection control

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Francastorius, Anton Van Leeuwenhock, Jenner, Pasteur, Joseph Lister, Albert Neisser, Armauer Hansen, Kock, Von Pettenkoffer, Semmelweis, Mickulicz e Florence Nightingale são grandes nomes que viveram em épocas diferentes da história, mas que apresentam uma importante característica em comum: a contribuição para o avanço da ciência tanto na esfera epidemiológica quanto no controle às infecções hospitalares, chamadas hoje de Infecções Relacionadas à Assistência à Saúde (ANVISA, 2009).

Com o passar dos séculos, medidas de antissepsia e cuidados relacionados aos pacientes e ao ambiente de trabalho foram cada vez mais incorporadas às medidas rotineiras que visavam o controle dessas infecções.

Hoje, sabe-se que as infecções relacionadas à assistência à saúde são sérias ameaças à segurança dos pacientes hospitalizados, constituindo-se nas mais frequentes e insidiosas complicações. Ademais, contribuem para elevar as taxas de morbidade e mortalidade, devido ao prolongamento da permanência e gastos com procedimentos diagnósticos e terapêuticos (ANVISA, 2012).

A pele pode atuar como reservatório de fungos, vírus e bactérias patogênicos e não patogênicos, além de ser constantemente exposta a vários tipos de micro-organismos do ambiente. As mãos do profissional de saúde diariamente entram em contato com inúmeros pacientes, em diversos leitos do hospital, e, caso não seja feita a higiene adequada, pode haver, por meio delas, a transmissão de germes da microbiota transitória superficial de um paciente a outro, causando infecções cruzadas (ANVISA, 2007).

Alguns desses patógenos estão intimamente ligados às IRAS, sobretudo em ambientes hospitalares como as Unidades de Terapia Intensiva (UTI), que contam com indivíduos em estado de saúde crítico, como os imunossuprimidos, pacientes em pós-operatório, ou com complicações que necessitem monitoramento especial (ANDRADE, 2020).

Diante desse quadro, fica evidente que o ato de higienizar as mãos executado pelos profissionais da saúde é um pilar fundamental para a segurança do paciente e para o controle de infecções, especialmente devido à sua capacidade de impedir a transmissão cruzada de micro-organismos, ou seja, a

transmissão de algum patógeno de uma superfície, pessoa ou objeto a outra (ANVISA, 2012).

No Brasil, estima-se que 3% a 15% das pessoas internadas desenvolverão uma infecção, o que agrava o estado de saúde do paciente, prolonga sua permanência no hospital, aumenta a morbidade e a mortalidade, favorece a resistência bacteriana e ainda eleva os custos do tratamento (WHO, 2009; FARHOUDI, 2016). Países em desenvolvimento, como o Brasil, mostram uma taxa de IRAS até 20 vezes maior do que os dados dos países desenvolvidos (BELELA-ANACLETO, 2017).

Recentemente, o termo “infecção hospitalar” foi substituído por Infecção Relacionada a Assistência à Saúde (IRAS), e passou a englobar infecções adquiridas na prestação dos cuidados de saúde, após a admissão do paciente, no período da internação ou depois de ter recebido alta em uma unidade hospitalar ou outra unidade que presta assistência à saúde. Por isso, está relacionado, de modo direto, à contaminação cruzada entre os pacientes hospitalizados, sendo as mãos dos profissionais da saúde um dos meios mais comuns da transmissão de micro-organismos, devido à baixa adesão a higienização das mãos ou uso incorreto da técnica. Esses micro-organismos irão causar infecções exógenas, que são aquelas provenientes do ambiente externo no qual o paciente está inserido (BRASIL, 1998; CUNHA, 2017).

Além disso, o tradicional termo “lavagem das mãos” foi recentemente substituído por “higienização das mãos”, a fim de englobar a higienização simples (com água e sabão), a higienização antisséptica, a fricção antisséptica (com o uso de preparações alcoólicas, a qual, contanto que não haja nenhuma sujeira visível, é considerada a forma mais eficaz e rápida) e a antisepsia cirúrgica das mãos (WHO, 2009, 2014).

Segundo a OMS, a higiene correta das mãos é o ato mais eficiente e menos dispendioso na prevenção de doenças infecciosas. Apesar disso, são poucos profissionais que executam a técnica com a frequência e a técnica correta, o que corrobora com baixas taxas de adesão e aumento dos índices de IRAS (WHO, 2006). As mãos dos profissionais da área da saúde são uma das vias mais importantes para a transmissão de infecções exógenas, sobretudo em procedimentos invasivos como a inserção de cateteres ou outros dispositivos (COSTA, 2020).

Sendo assim, a OMS propôs cinco momentos específicos em que é adequado fazer-se a higiene das mãos, visando as situações em que há elevado risco de transmissão de micro-organismos: 1) antes de ter contato direto com o paciente; 2) antes de realizar procedimento asséptico (limpo); 3) depois de risco de exposição a fluidos corpóreos; 4) depois de tocar o paciente e/ou 5) depois do contato com áreas de proximidade do paciente diretas e indiretas (FARIAS et al., 2019).

É importante frisar que as mãos devem ser higienizadas mesmo com o uso de luvas, no mínimo antes e depois de usá-las (ANVISA, 2007). Tudo isso porque o procedimento correto de higienização das mãos é útil a diferentes fins: remover a sujeira, suor, oleosidade, pelos, células em descamação, e a microbiota da pele. Isso previne a transmissão cruzada e evita interações desnecessárias.

São elementos essenciais para essa prática o agente tópico com eficácia antimicrobiana, informações técnicas e científicas e paramentação eficaz, adesão regular da prática, além da conduta com tempo de duração e técnica adequados (ANVISA, 2009).

Apesar da sabida importância da higienização das mãos, há certos fatores que dificultam ou impedem a adesão integral dos profissionais da saúde à sua prática correta, como a escassez de tempo e alta demanda. Segundo eles, em um trabalho ágil e com urgência, em que há atendimento a mais de um paciente simultaneamente, muitas vezes não é possível priorizar a higiene das mãos. Ademais, são mencionados como inviabilizantes a abordagem teórica sobre higienização e biossegurança em período diferente do da prática, falta de treinamento, estrutura inadequada do hospital, presença de dispensers de álcool inoperativos, falta de fiscalização, carência de insumos e materiais. A má conduta de alguns profissionais de saúde (como os que alegam o ressecamento das mãos diante do uso de determinados produtos, entre eles a preparação alcoólica) também corrobora com as baixas taxas de adesão à higiene das mãos nos serviços de saúde (DI MARTINO et al., 2011).

Portanto faz-se necessário a adoção de uma estratégia de mudança de comportamento multimodal, que priorize alguns componentes, tais como a mudança na infraestrutura do local; educação e treinamento dos profissionais que atuam na área da saúde; avaliação e feedback da higiene das mãos nos

serviços de saúde; lembretes no ambiente de trabalho e clima de segurança favorável na instituição (WHO, 2009).

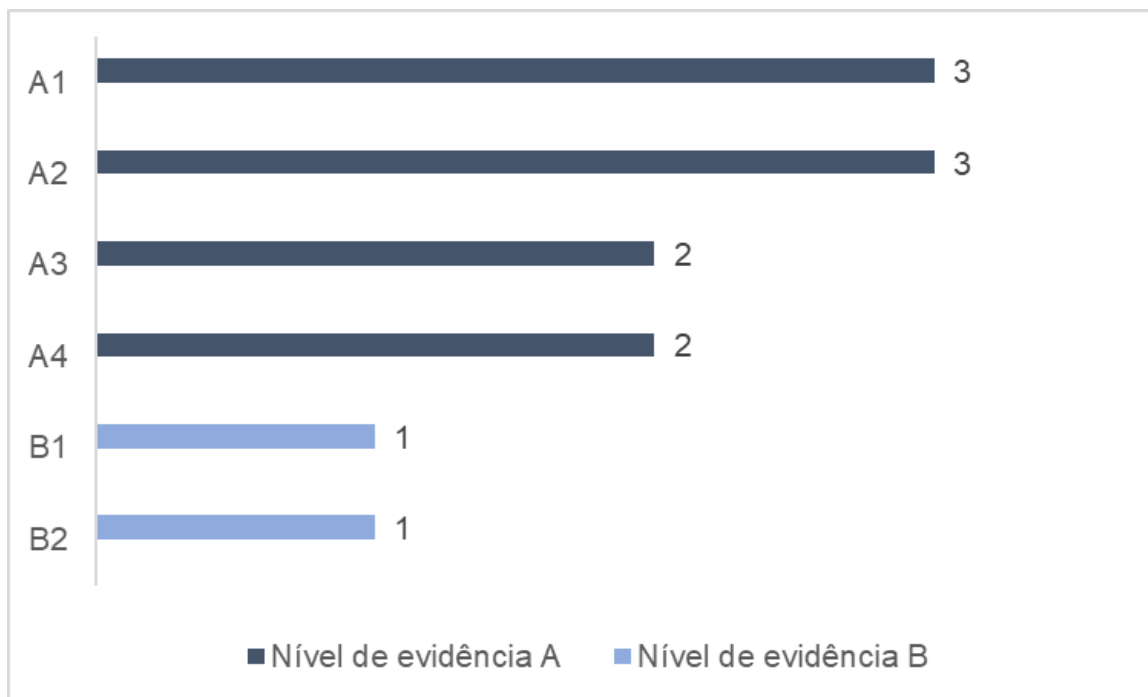
### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa se estrutura em torno de uma revisão integrativa, cujo objetivo é ressaltar a importância da execução da higiene correta das mãos pelos profissionais da saúde, visando prevenir as infecções relacionadas a assistência à saúde. Foi baseada no levantamento de artigos publicados entre o ano de 2016 e 2023, nas plataformas de dados SciELO, Google acadêmico e PubMed/MEDLINE, com os descritores “*Infecção hospitalar*”; “*Higiene das mãos*”; “*hand hygiene*” e “*infection control*”. Os sites da World Health Organization (WHO) e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) também foram utilizados. Relatos de caso, artigos duplicados e artigos que não se relacionam diretamente com o tema foram excluídos. Por esse trabalho não envolver seres humanos, não foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Um artigo de 2011 foi selecionado devido à relevância argumentativa e descritiva para embasamento do trabalho. Valorizaram-se artigos que apresentaram significância tanto estatística quanto teórica para elaboração do estudo.

Por fim, foi analisado o nível de evidência dos artigos selecionados, a fim de categorizar seus estudos científicos. Desse modo, foram classificados em: A1, A2, A3, A4, B1 e B2, enumerando a quantidade de artigos encontrados em cada um desses níveis, os quais estão representados no gráfico 1.

#### **Gráfico 1 - Nível de Evidência**



Fonte: Elaborado pelos autores, 2023.

#### 4 RESULTADOS PARCIAIS

Nesse trabalho, foram realizadas cinco buscas de artigos na base de dados, Pubmed/MEDLINE, SciELO, Google acadêmico, World Health Organization (WHO) e Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA).

Na primeira, foi utilizado o descritor “Infecção hospitalar”, que resultou em 45 artigos encontrados na plataforma Scielo, 66 no Google acadêmico, e 52 no PubMed.

Na segunda pesquisa, utilizou-se o descritor “higiene das mãos” em conjunto com “infecção hospitalar”. Os resultados foram filtrados com base no ano de publicação, tendo sido selecionados os publicados entre os anos de 2016 e 2023, resultando num corpus de 5 artigos.

Na terceira pesquisa, o descritor “hand hygiene” foi usado no banco de dados PubMed e foram filtrados os artigos dos últimos 5 anos e excluídos os resumos; 57 resultados foram encontrados e 4 artigos foram selecionados.

Na quarta pesquisa, o descritor utilizado foi “infection control” no banco de dados PubMed e foram filtrados os artigos dos últimos 5 anos; 74 resultados foram encontrados e 2 artigos foram selecionados.

Na última pesquisa, foram coletados dados da WHO e da ANVISA relacionados a infecções hospitalares e higiene das mãos. Ao total, 16 bibliografias foram escolhidas, analisadas e estudadas a fim de servirem como arcabouço teórico para fundamentar a referida revisão.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Portanto, diante dos artigos selecionados, é possível afirmar que a não adesão à higienização das mãos pelos profissionais de saúde contribui para o aumento das IRAS. Uma vez que, a mão contaminada leva à uma transmissão cruzada, de microrganismos, entre os pacientes hospitalizados.

Os dados analisados mostram que os principais fatores desencadeantes são: a escassez de tempo, a falta de instrumentos e o desconhecimento sobre a técnica correta. Logo, evidencia a necessidade de implantar recursos, infraestrutura e uma educação permanente para os profissionais de saúde. A fim de evitar os gastos e agravos de saúde advindos dessa negligência.

## 6 REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (BR). *Segurança do Paciente: Higienização das Mãos* [internet]. Brasília, DF; 2007. Disponível em: <[https://www.anvisa.gov.br/servicos/seguranca/paciente\\_hig\\_maos.pdf](https://www.anvisa.gov.br/servicos/seguranca/paciente_hig_maos.pdf)>. Acesso em: 20 Mai. 2022.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (BR). *Segurança do paciente: higienização das mãos*. Brasília, DF: ANVISA; 2009. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seguranca\\_paciente\\_servicos\\_sau\\_de\\_higienizacao\\_maos.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/seguranca_paciente_servicos_sau_de_higienizacao_maos.pdf)>. Acesso em: 15 Jul. 2022.

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (BR). *Segurança do Paciente em Serviços de Saúde: Limpeza e Desinfecção de Superfícies*. Brasília, DF: ANVISA; 2012. Disponível em: <<https://www.gov.br/anvisa/pt-br/centraisdeconteudo/publicacoes/servicosdesaude/publicacoes/manual-de-limpeza-e-desinfeccao-de-superficies.pdf/view>>. Acesso em: 15 Jul. 2022.

AGHDASSI, S.J.S. et al. A Multimodal Intervention to Improve Hand Hygiene Compliance in Peripheral Wards of a Tertiary Care University Centre: A Cluster Randomised Controlled Trial. *Antimicrobial Resistance and Infection Control*, vol. 9, n. 1, p. 113, Jul. 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1186/s13756-020-00776-9>>. Acesso em: 03 Mai. 2022.

ANDRADE, D. Métodos de proteção anti-infecciosa: bases conceituais da higienização das mãos e o uso de álcool gel. *Revista Enfermagem Atual*, n. 39, p. 39-42, Mai-Jun. 2007. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/201794/001103909.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 05 Mai. 2022

BEZERRA, T. et al. Influencing Factors of Hand Hygiene in Critical Sections of a Brazilian Hospital. *The Journal of Infection in Developing Countries*, vol. 15, n. 06, p. 840–46, Jun. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.3855/jidc.13658>>. Acesso em: 20 Abr. 2022.

BELELA-ANACLETO, A. et al. Hand hygiene as a caring practice: a reflection on professional responsibility. *Revista Brasileira de Enfermagem*, vol. 70, n. 2, p. 442–45, Abr. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0189>>. Acesso em: 13 Abr. 2022.

COSTA, Camila et al. Central Venous Catheter bundle: professional knowledge and behavior in adult Intensive Care Units. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, vol. 54, p. 54e03629, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2019011203629>>. Acesso em: 21 Mai. 2022.

DI MARTINO, P. et al. Assessing the sustainability of hand hygiene adherence prior to patient contact in the emergency department: A 1-year post intervention evaluation. *American Journal of Infection Control*; vol. 39, n. 1, p. 14-8, 2011.

Disponível em: < <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20965610/>>. Acesso em: 20 Abr. 2022.

FARHOUDI, F. et al. Impact of WHO hand hygiene improvement program implementation: a quasi-experimental trial. *Biomed Research International*, vol. 2016, Article ID 7026169, 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1155/2016/7026169>>. Acesso em: 20 Abr. 2022.

GÁZQUEZ-LÓPEZ, M. et al. Posters as a Tool to Improve Hand Hygiene among Health Science Students: Case—Control Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, vol. 18, n. 21, p. 11123, Out. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/ijerph182111123>>. Acesso em: 01 Mai. 2022.

ISSA, M., et al. Práticas de higiene das mãos para prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde associadas a pacientes infecciosos admitidos no departamento de emergência: uma revisão sistemática. Disponível em <<https://doi.org/10.1007/s11845-022-03004-y>>. Acesso em: 22 Abr. de 2023.

MELLO, M. et al. Desafios para adesão às ações de contenção da resistência bacteriana em hospitais de grande porte. *Revista Brasileira de Enfermagem*, vol. 74, Jul. 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0510>>. Acesso em: 12 Abr. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *A Guide to the Implementation of the WHO Multimodal Hand Hygiene Improvement Strategy*. 2009. Disponível em: <<https://www.who.int/publications-detail-redirect/a-guide-to-the-implementation-of-the-who-multimodal-hand-hygiene-improvement-strategy>>. Acesso em: 06 Mai. 2022.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Guidelines on Hand Hygiene in Health Care*. 2009. Disponível em: <<https://www.who.int/publications-detail-redirect/9789241597906>>. Acesso em: 6 Mai. 2022.

ZOTTELE, Caroline et al. Hand hygiene compliance of healthcare professionals in an emergency department. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, vol. 51, n. 0, Ago. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1980-220x2016027303242>>. Acesso em: 13 Abr. 2022.